

Paulo de Carvalho & Jota Carmelino (org.) (2020). *Amélia Mingas, a mulher, a cidadã, a académica*. Luanda: Ed. Mayamba. 373 pp.

Em agosto de 2019, vítima de paragem cardiovascular, falecia Amélia Arlete Dias Rodrigues Mingas, incansável estudiosa da africanidade.

A sua vida foi marcada pelo empenhamento em busca do saber. Começou por tirar uma licenciatura em Filologia Germânica, em 1981, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Seguiu-se-lhe, em 1987, o mestrado em Linguística Geral e Aplicada, na Universidade Paris V, René Descartes. No ano seguinte, conclui o mestrado em Sociolinguística, na mesma Universidade. Em 1989, ainda a mesma Universidade concede-lhe um DEA em Linguística e, em 1995, o Doutoramento em Ciências da Linguagem.

A sua atividade docente foi também diversificada. Não só inclui o Internato 4 de fevereiro (Centro de Formação de Pioneiros do MPLA), como o Liceu Nacional Salvador Correia, hoje, Mutu Ya Kevela), o Instituto de Educação Física Saily Mingas, a Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto (FLUAN).

Exerceu ainda importantes cargos de gestão no Instituto de Língua Nacionais e no Instituto Internacional da Língua Portuguesa (organismo da CPLP), além de ter sido decana da FLUAN.

Ora, a obra que nos propomos dar a conhecer é um livro de homenagem a esse grande vulto das letras angolanas, organizada por Paulo de Carvalho (doutor em Sociologia pelo ISCTE e professor catedrático da Universidade Agostinho Neto) e Jota Carmelino, que também lecionou no Internato 4 de fevereiro, marido de Amélia Mingas. Na verdade, não se trata “só” de um livro de homenagem a uma figura cimeira da linguística portuguesa e das línguas africanas, mas também de homenagem à própria linguística, sociolinguística, toponímia e outras temáticas, como veremos.

A diversidade de conteúdo implica que o livro esteja dividido em três partes: a primeira parte reúne três poemas, a segunda dez artigos. A terceira parte, que é propriamente a de homenagem a Amélia Mingas, inclui vinte e um depoimentos. Um total vinte e nove pessoas participaram de uma maneira ou de outra nesta obra. O livro ofereceu-nos ainda uma prestimosa lista de publicações e conferências feitas pela homenageada. Não se esqueceram os seus organizadores de incluírem também as biografias de todos aqueles que lhe deram o seu contributo e um “Album” de fotografias de Amélia com a família e individualidades do campo da cultura e da política.

Como a obra é antecedida por uma Nota dos Organizadores, em que se revela o seu conteúdo, a tarefa de apresentação da sua estrutura foi-nos muito facilitada, tanto mais que o texto é claro e elucidativo.

Resumidamente, a primeira parte inclui poemas de Jota Carmelino, Eunice Andrade e Américo de Oliveira. A secção dos artigos compreende duas partes: uma dedicada à linguística, sociolinguística e toponímia e outra onde se abordam outras temáticas.

Destes artigos, só o primeiro, da autoria de Maria do Céu Reis (socióloga, ex-professora da Universidade Agostinho Neto), descreve o percurso académico e intelectual da homenageada. Todos os outros abordam áreas direta ou indiretamente ligadas a Amélia Mingas. Alexandre Chicuna (linguista, professor da Universidade Agostinho Neto) destaca o “Contributo da Professora Amélia Mingas para o ensino e promoção da língua portuguesa em Angola” e, neste aspeto, é o artigo que está mais próximo da investigação da Professora, porquanto nos dá conta do trabalhos que ela realizou neste âmbito. O linguista polaco Eugeniusz Rzewuski insere um artigo sobre a “Paisagem toponímica tunguense”, sendo que Tungue se situa no distrito de Palma, Cabo Delgado (Moçambique). Lúcia Vidal Soares (da área da Didática e Desenvolvimento Curricular, ex-professora do Instituto Politécnico de Lisboa, onde se dedicou às questões do multi/plurilinguismo) aborda a questão da política linguística em contextos multilingues: “Pelos caminhos da política linguística em contextos multilingues”. Paulo de Carvalho, em “Estrutura social e linguagem na Angola colonial”, faz uma releção sobre a sociolinguística.

Os cinco artigos restantes, inseridos por ordem alfabética do nome dos autores, iniciam-se com um estudo de Ângela Mingas (Universidade Lusíada de Angola) sobre a qualidade do ar na cidade de Luanda. Fernanda dos Santos Benedito (U. do Minho) faz a análise crítica da obra de Chinua Achebe, *Things fall apart*. Os engenheiros Joaquim Sequeira e Carlos Pinho apresentam uma proposta da criação de um curso de Engenharia Mecânica na Universidade de Katyavala Bwila. O sociólogo Luís Gaivão estuda a presença de Luanda na obra de Manuel Rui. Finalmente, Petelo Nginamau Ne-Tava aborda a “Angolanidade na poesia de Agostinho Neto”.

Seguem-se vinte e sete depoimentos de pessoas que tiveram uma ligação privilegiada com Amélia Mingas: Jota Carmelino, Maria Perpétua, Graça Machel, Francisco José, Ângela Mingas, Suzana Carmelino, José Luís Teves de Carvalho, Teresa Ferreira de Almeida, estes todos, seus familiares, e ainda Adolfo Maria, Alexandre Chicuna, Domingos de Sousa, Fernanda Saraiva de Carvalho, Fidel Reis, Graça de Sousa, Isabelle de Oliveira, Lúcia Soares, Luís Gaivão, Manuel Rui, Maria do Céu Reis, Maria Helena Ançã, Petelo Nginamau Ne-Tava e Yeda Pessoa de Castro.

Estes depoimentos permitem-nos conhecer outras facetas de Amélia Mingas: a militância política, o gosto pela natureza e pela fotografia, o gosto pelo colecionismo, o trato familiar, a coragem, a resiliência, a frontalidade.

Dos depoimentos e artigos ressalta a importância do trabalho de Amélia em áreas como: «a condição de Angola como país plurilingue; a importância cultural da diversidade linguística angolana e dos seus significados identitários; a “odisseia da reapropriação”; a denominação simbólica nas relações de género... e as razões impotência da alfabetização dos adultos na sua língua materna», conforme se pode ler no artigo Professora Maria do Céu Reis (2020: 45).

Se, como livro de homenagem, os poemas e depoimentos salientam as várias facetas do seu carácter – a sua formação, o empenhamento nos estudos, a militância política, a docência, a investigação, mas também o seu relacionamento com os outros – como, de resto, seria de esperar, na verdade, a sua conceção e organização tornam-no diferente de outros livros de homenagem. Todo o livro foi pensado não só para homenagear a mulher, a cidadã, a académica, mas para divulgar a ciência, a cultura, afinal para continuar o trabalho de Amélia em prol da africanidade e da defesa e promoção da língua portuguesa.

Daí a inclusão dos artigos científicos que levam o livro para outro nível, pela sua qualidade e diversidade. De salientar o já citado artigo de Alexandre Chicuna que nos faz refletir sobre a influência mútua entre as diversas línguas nativas angolanas e o português, problemática que tinha sido objeto de uma comunicação de Amélia Mingas e também do Prefácio que a Professora tinha feito, em 2015, para o *Dicionário de Siglas e Abreviaturas Angolanas*. Este linguísta lembra ainda o papel que Amélia teve na formação de professores de Português, ao criar os mestrados em Ensino da Língua Portuguesa e em Ensino das Literaturas em Língua Portuguesa.

Salientamos também o artigo de Lúcia Vidal Soares, elaborado para uma comunicação feita na Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, em 2015, e a pedido de Amélia Mingas. Na verdade, o artigo, sendo sobre multilinguismo, não se refere especificamente a Angola, mas, genericamente, a todas as sociedades multilingues.

Paulo de Carvalho, à luz da teoria sociolinguística de Bernstein, traça a diferenciação linguística na sociedade colonial angolana e a implicação no acesso à educação e, logo, na posição social alcançada posteriormente pelo indivíduo. O seu estudo permite-lhe confirmar que «também na sociedade colonial angolana se podia falar da existência de correlação entre a posição social e os conhecimentos e o comportamento linguístico do indivíduo» (2020: 123).

Se destacamos estes artigos é porque eles se relacionam mais especificamente com o trabalho académico da homenageada, não só em prol do conhecimento da situação da língua portuguesa em Angola, como também em prol das línguas nativas (grupo bantu) durante e depois da colonização.

Ora, a inclusão de artigos da autoria de credenciados intelectuais nas respetivas matérias, vem guindar o livro da esfera do privado (familiares, amigos, colegas, discípulos) para a esfera pública, para todos os que, em geral, se interessam pela linguística e sociolinguística, pela literatura, pelo ambiente, pela engenharia, pela toponímia e para todos os que, em particular, se interessam pela cultura angolana.

Lembrando a epígrafe de Mia Couto que Lúcia Vidal Soares inclui no seu artigo – «Não morre quem se ausenta, morre quem é esquecido.» – admitimos que uma obra desta envergadura, dificilmente deixará esquecer a figura cimeira de Amélia Mingas.

Anabela Freitas

Email: anabelabritofreitas@hotmail.com

ORCID: 0000-0002-5684-8469